

Economia Brasil O País dos pacotes

8 JUN 1983

8 JUN 1983

O país, amanhã, acorda em sobre-salto. Seremos brindados por mais um pacote, que nos obrigará a apertar ainda mais o cinto. E não é só: seremos obrigados a ouvir explicações e promessas, vazadas naquele idioma bem articulado, o **tecnocrates**, cujo mérito maior é o de não dizer nada com muitas palavras. Os que, hoje, criticam o Movimento de 1964 costumam invocar a conjuntura imediatamente anterior à sua eclosão para mostrar que mudamos para pior. Isto é, em nome de uma inflação de pouco mais de 75%, do Governo João Goulart, deu-se um golpe de Estado e partiu-se para a construção de um "Brasil potência".

O resultado ai está. Temos hoje uma inflação oficial de mais de 120%. O fracasso do modelo, no entanto, não se esgota ai. E muito menos se exprime apenas em números. Mais grave parece ser o desgaste moral a que o país foi conduzido junto à comunidade financeira internacional. Em entrevista à revista **Veja** dessa semana, o banqueiro francês Yvens Laulan, presidente do Société Générale (sétimo banco do mundo), diz com todas as letras que não somos um país sério. E mais: que as autoridades brasileiras cultivam "o feio hábito de contar baleias". O pior é que suas declarações são irreto-cáveis. Estamos fartos de saber que o país dos tecnocratas que nos governam nada tem a ver com o país real, descoberto há 500 anos por Pedro Alvares Cabral.

Os tecnocratas vivem no país das estatísticas, habitado por números e cifras, passíveis de toda sorte de manipulação. Exibem habitualmente o pedantismo dos que supõem que sabem tudo, e não escondem uma aversão visceral aos que não se exprimem por seu peculiar código lingüístico. É significativo que justamente no partido do Governo, o PDS, estejam os maiores críticos da tecnocracia. Afinal, é insuportável aos pedessistas a convicção de que, nesses últimos 19 anos, Jamais estiveram no poder, muito embora tenham arcado com todos os ônus inerentes ao posto.

Nem mesmo a abertura, que devolveu à cena política todos os adversários do regime, foi capaz de arranhar a redoma

em que se isolou o poder tecnocrático. Pe-lo contrário. Jamais ele foi tão ostensivo. A rigor, o destino do país está sendo conduzido por um trio de técnicos (Delfim, Galvães e Langoni), cujo mau desempenho constitui hoje a única unanimidade nacional. Sabemos todos que das soluções a serem adotadas nessa conjuntura adversa depende o futuro das próximas gerações. Apesar disso, estão de fora da mesa de decisões os políticos (da Situação e da Oposição) e a sociedade. Não fomos convidados para o banquete, mas temos de pagar a conta.

E óbvio que o divórcio entre o país real e o Estado tecnocrata é o maior complicador no combate à crise. Nenhum cidadão contribuinte se sente responsável (e, na verdade, não é) pela situação a que chegamos. Igualmente não vê no Governo a expressão legítima de seus anseios. Afinal, não o elegeu e jamais foi por ele consultado para o que quer que seja. Sem essa indispensável base social, é extremamente difícil para o Governo obter o engajamento da população para enfrentar a crise.

Tal circunstância é, obviamente, perigosa. Como não há vácuo em política, o fosso que separa a nação real da oficial está sendo ocupado por uma revolta desordenada e sem objetivos (a tal autonomia das ruas, de que fala Teotônio Vilela), que se traduz nos espantosos índices de criminalidades com que nos acostumamos a conviver nos últimos anos. Cabe aos políticos reaproximar o Estado da Nação, ser a ponte entre os dois abismos. Nesse sentido, a primeira providência é desprir-se da retórica maniqueia e entender que estamos todos no mesmo barco, à deriva, em águas turbulentíssimas.

Tancredo Neves, um dos mais experientes políticos em atividade, pregou a necessidade do consenso. E mais de uma vez ressaltou a importância do papel destinado ao PDS nessa fase. Está certo. Cabe ao partido do Governo entender que, nesse contexto, não é mais possível imaginar a sucessão presidencial como um mero consórcio entre amigos. Afinal, o colégio eleitoral está tão distante do país real quanto este está do mundo dourado dos tecnocratas do regime.

RUY FABIANO